

# Liberdade no Coração

Maria Barroso tinha a liberdade no coração. Testemunhei-o sempre e em especial nos últimos encontros. A vida dá voltas surpreendentes. Este texto poderia ser sobre uma recordação simples e próxima, mas também poderia chamar-se «Carta aos Amigos Mortos».

**H**á pouco tempo atrás não esperaria ter de o escrever. Pelo menos, assim. No fim de maio, uma vez que havia que homenagear Sophia de Mello Breyner nos setenta anos do Centro Nacional de Cultura (CNC), Maria Barroso manifestou grande entusiasmo em participar. A melhor maneira de invocar a memória da Amiga e antiga Presidente do CNC seria através da poesia. Depois de diversas combinações telefónicas fui visitá-la à Estrela, na sede da Pro Dignitate, como acontecia muitas vezes. Encontrei-a a subir no elevador electrónico, pois tinha sofrido uma pequena queda poucos dias antes, queixando-se de problemas de equilíbrio. Com a elegância de sempre, pediu desculpa pelo incómodo e pelo atraso. Conversámos animadamente na subida da escada. Daí a poucos minutos, já no seu gabinete, estava tudo combinado. Far-se-ia uma gravação em vídeo de dois poemas de Sophia para passar no Museu do Oriente na festa do CNC, ainda que Maria de Jesus preferisse dizê-los de viva voz, o que só não aconteceria por um pequeno desencontro, que daria lugar a diversos telefonemas no dia seguinte, que permitiram podermos falar de outras coisas... O primeiro poema escolhido foi o belíssimo «Porque», a melhor homenagem a Francisco Sousa Tavares, a quem o CNC deveu tudo e por cujo impulso Sophia foi presidente, atraindo uma plêiade notável de jovens poetas e escritores. Essas palavras fortes, claras, serenas ultrapassam os umbrais de qualquer momento – ficam como letras de ouro e marca indelével de liberdade: «Porque os outros se mascaram, mas tu não / (...) Porque os outros vão à sombra dos abrigos / E tu vais de mãos dadas com



POR  
**Guilherme  
d'Oliveira  
Martins**

Presidente do tribunal de contas. Membro do Conselho Editorial de *Nova Cidadania*

os perigos / Porque os outros calculam mas tu não» («Mar Novo», 1958). A voz de Maria de Jesus Barroso deu a esse poema a sua força heroica, como só ela sabia fazer. E ficou-nos na lembrança a imagem de Francisco no cimo da guarita do Largo do Carmo, no dia 25 de abril a fazer o primeiro discurso de um civil naquele dia único. A segunda escolha foi da própria Maria Barroso, e quando hoje voltamos a ouvir a sua expressão nítida e timbrada, ficamos com uma emoção incontida e a sensação quase de vertigem. Essa gravação derradeira tornou-se premonitória e simbólica. Tudo se passa agora como se assistíssemos a um estranho mas inexorável passar de um lado para o outro através de um espelho.

Maria Barroso dirige-se a quantos foi agora reencontrar – a começar por Sophia... Em «Carta aos Amigos Mortos», Sophia disse-nos tudo o que pode ser dito num momento como este. Não só lembra quantos nos deixaram, mas também compreende a fantástica força libertadora da poesia. «Eis que morrestes – agora já não bate / O vosso coração cujo bater / Dava ritmo e esperança a meu viver / Agora estais perdidos para mim / – O olhar não atravessa esta distância – / Nem irei procurar-vos pois não sou / Orpheu tendo escolhido para

mim / Estar presente aqui onde estou viva / Eu vos desejo a paz nesse caminho / Fora do mundo que respiro e vejo...» («Livro Sexto», 1962).

Quando nos deixa alguém próximo, como agora aconteceu, não há palavras. Mas tudo estava dito, quando ouvimos: «E eu vos peço por este amor cortado / Que vos lembreis de mim lá onde o amor / Já não pode morrer nem ser quebrado / Que o vosso coração já não bate / O tempo denso de sangue e de saudade / Mas vive a perfeição da claridade / Se compadeça de mim e do meu pranto / Se compadeça de mim e do meu canto». A escolha foi premonitória. Esse diálogo com Sophia significa o encontro do espírito, da lembrança e da liberdade.

Quando nos fomos despedir de Maria de Jesus, Leonor Xavier recordou-me (com a fragilidade da sua força) o que foi a experiência inolvidável de escrever a biografia da nossa Amiga. Relendo a obra, percebemos que há uma riqueza espiritual incontida numa vida de entrega às causas, aos ideais e aos outros. É um percurso que nos enche de força, esperança e determinação. Foi uma grande promessa do teatro português e uma referência indiscutível na cinematografia, «Mudar de Vida» de Paulo Rocha ou «Benilde ou a Virgem Mãe» são inesquecíveis. E, como muitos de nós testemunhámos, a sua memória límpida trazia-nos intacta a força dos poetas do «Novo Cancioneiro». Era a liberdade, sempre frágil, que tinha de ser recordada e que era ilustrada não com abstrações, mas com gestos concretos. E se dúvidas houvesse, leia-se a sua correspondência com Mário Soares nos difíceis momentos da prisão. Não há, porém, vacilação – há vontade, determinação e certeza de que os ideais não se abatem.

Deu-se a feliz coincidência de termos falado muito nas últimas semanas em que pudemos contar com a sua presença. A última vez, de viva voz, foi no Hotel Palácio do Estoril no Encontro do IEP. Jamais esquecerei a palavra amiga que me segredou e que foi mais uma demonstração de uma relação de confiança construída ao longo de muitas décadas, em que a vida política e cívica se confundiu naturalmente com a amizade e o afeto. Maria de Jesus não escondia esse sentido quase maternal que significava, afinal, que a vida humana não faz sentido se não cuidar da dignidade do ser. Dias antes do acidente, telefonara-me a pedir um conselho técnico... Com a sua inteligência e argúcia foi fácil rapidamente partilharmos uma conclusão, que sem dificuldade seguiu. E terminou o telefonema dizendo - «Era o que me parecia, mas não quis avançar sem o ouvir». De facto, eu em nada a ajudara, disse-lhe apenas o que pensava e que já estava num caminho que me parecia certo, mas ao menos tive o gosto a ouvir. Hoje, quando tudo aconteceu tão repentinamente, recordo no íntimo esse sinal de profunda amizade. E, em maré de recordações, invoco a homenagem de surpresa que pudemos partilhar por ocasião dos seus noventa anos, em que estive a seu lado com enorme gosto. Mas também lembro o que me disse, com que entusiasmo, sobre a conversa que tivera com o Papa Francisco. E que sinais extraordinários pôde revelar, de abertura, de atenção, de cuidado, de justiça e de paz... Nunca olvidarei esse testemunho vivo. José Cutileiro disse melhor do que alguém poderia dizer o que Maria Bar-

roso foi: «a sua inteligência, grandeza de alma, doçura, simpatia e tolerância têm sido louvadas. Mas não esquecer a rijeza diamantina da sua fibra moral, alicerce onde tudo o resto assentava».

No mesmo dia em que fomos dizer adeus a Maria de Jesus, Alberto Vaz da Silva também partiu. E Sophia era para ele igualmente referência fundamental. Não podemos compreender bem a importância essencial da autora de «Mar Novo» sem recorrer ao testemunho crítico de Alberto. Leia-se o pequeno livro «Evocação de Sophia», com prefácio de Maria Velho da Costa e posfácio de José Tolentino Mendonça (Assírio e Alvim, 2009). É uma preciosidade. É a melhor das sínteses para entender a importância singularíssima de Sophia. E lá estão, em diálogo, todos os elementos que nos são lembrados na Carta do «Livro Sexto». Na celebração dos setenta anos do CNC, Alberto já não pôde estar, mas o seu neto Martim recebeu, em seu nome, a Medalha de Mérito Cultural do governo português (ao lado do reconhecimento de Gonçalo Ribeiro Telles). Foi uma bela, justa e inesquecível homenagem que há muito tardava, para um dos mais apurados conhecedores da literatura e da arte em Portugal. E se falámos do conhecimento finíssimo da obra de Sophia, não esquecemos o amor da arte e a compreensão exata de Carlos Queiroz ou de Agustina Bessa-Luís. Como gostava de recordar, citando Apollonius de Tyana: «Ninguém morre senão em aparência, do mesmo modo que ninguém nasce senão aparentemente. A mudança do ser para o devir parece ser

o nascimento e a mudança do devir para o ser parece ser a morte, mas na realidade ninguém jamais nasce nem ninguém jamais morre. É apenas um ser-se visível e logo após invisível...». De uma curiosidade insaciável, Alberto soube sempre trilhar caminhos inesperados e espantosos. José Tolentino Mendonça fez, aliás, questão de recordar essa capacidade de espanto no vocabulário único do cultor do estudo dos astros ou da grafologia, em busca de psicologia das profundidades. Nunca deixou, por isso, de reler Carlos Queiroz: «Ver só com os olhos / É fácil e vão: / Por dentro das coisas / É que as coisas são». Isto tinha muito a ver com o que o Alberto era. «Um dia serei alegre!», com a «a mágoa de não sentir / Essa alegria sem par / que têm os santos a agir / E as crianças a brincar, / Essa alegria gerada / Numa suprema inocência / que toca de transcendência / Até as coisas de nada». Vem à baila a frase de Saint-Martin: «Houve certos seres através dos quais Deus nos amou». Alberto lembrava, assim, Helena, sua mulher, e todos quantos foi encontrando nos caminhos da vida. Era assim a sua fé, feita de afeto e espontaneidade. Afinal, o seu conhecimento enciclopédico permitia-lhe fazer compreender tudo para além do imediato. Lembrando Cristina Campo, era daqueles «que desenham com as suas vidas um mapa de tal modo original que se torna necessário à viagem dos outros». O quotidiano ligava-se ao eterno, naturalmente. Ao lembrar os amigos mortos, ajudado por Sophia, falo, assim, da força e da dificuldade que é ter a liberdade no coração. ■

## Maria Barroso, excelente senhora

Há uma característica especial da Dra. Maria de Jesus Barroso Soares que merece ser destacada: a sua condição cristã.

**I**números depoimentos evocaram já a Dra. Maria de Jesus Barroso Soares, por ocasião do seu recente passamento. Muitos recordaram a atriz e declamadora, bastantes traçaram o perfil da fundadora e militante do Partido Socialista, quase todos sublinharam o seu empenhamento político e social, nomeadamente como presidente da fundação Pro Dignitate e vencedora do prémio Fé e Liberdade, do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. Lembrada foi ainda na sua qualidade de mulher do ex-presidente da República, Dr. Mário Soares. Particular-